SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

PORTE PAGO AVENÇA

ANO XXXIV

30 DE JUNHO DE 1978

N.º 395

Avulso Esc. 7$50

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Saraiva de Carvalho, 97 — LISBOA-3 — Telef.: 603778 — Teleg. YMCAPORT

O ESCOTISMO, MOVIMENTO MUNDIAL

O ADVENTO DO GUIDISMO

Com o findar do ano de 1908, o movimento escotista estava suficientemente radicado na juventude e no povo britânicos para se desenvolver. Baseado no «sistema de patrulhas», que o Fundador tinha posto em prática ao longo da carreira militar e em Brownsea, visto que lhe repugnavam os métodos de massificação que, já nessa altura, tinha numerosos adeptos, o escotismo exercia clara atracção sobre a gente moça, desejosa de se realizar e de demonstrar aptidões. O sistema de patrulhas não só oferecia a oportunidade de cada qual tomar sobre si uma responsabilidade, como era também óptimo ensejo para satisfazer os desejos de emulação entre grupos de rapazes, grupos cuja pequena dimensão impedia que neles se diluísse a personalidade dos componentes. Por outro lado, este sentido da responsabilidade, da confiança depositada nos rapazes, era suficientemente orientado por um verdadeiro código de comportamento, a Lei do Escoteiro, outra notável descoberta de B.-P. nos domínios da educação da juventude.

É curioso referir que a forma da Lei do Escoteiro foi objecto de críticas de várias entidades, as quais opinavam que este código se mostrava incompleto, visto que não continha interdições. Mas B.-P. não estava desprevenido. Conhecia as razões por que concebera assim a Lei.

«*Algumas autoridades* — respondia ele — *têm querido aperfeiçoar a Lei do Escoteiro, mas, ignorando que a força destas normas reside no seu carácter positivo, querem transformá-las no seu avesso: NÃO FAÇAS, que caracteriza a repressão do antigo sistema educativo, o qual incita a criança a fazer o mal*».

Noutra ocasião, escrevia a um dos seus amigos: «*Observei de perto, tanto ou mais que outros, os funestos resultados do álcool. Pude tomar consciência de como se começa a beber e também de como se pode corrigir esse vício. Vi a falência das restrições artificiais que vêm de fora, e vi que se deveria encorajar os bebedores a resistir naturalmente pela força da vontade, que vem de dentro. Os impedimentos e restrições só têm efeitos parciais e tornam-se, em certa medida, responsáveis não só pelo aumento do número daqueles que se entregam às drogas, assim como pela corrupção da polícia. Não conduzem a uma diminuição do alcoolismo e do crime. Para arrancar um mal, é preciso substituí-lo por um bem. É isto que tem sido negligenciado nos casos acima citados. O nosso fim, no movimento escotista, é de prevenir o alcoolismo, empregando meios naturais, isto é, robustecendo o carácter (a vontade moral, o respeito por si próprio, o autodomínio), colocando, no lugar dos hábitos inveterados, actividades que ajudem a aumentar o interesse pela vida*».

Outro factor que muito contribuiu para a caracterização do movimento foi a adopção de um uniforme. Para tal decisão, B.-P. serviu-se da longa experiência que possuía alcançada durante as explorações que efectuara em regiões tão diferentes como a Índia, a África do Sul, a Escócia, a Nigéria. Eis o que a esse respeito nos diz:

«*Cada vez que eu partia para uma determinada expedição, escrevia o meu diário, o qual continha uma lista das peças de vestuário que envergava, bem como as notas sobre o que não devia levar e o que havia esquecido. Todos estes informes eram-me muito úteis quando partia de novo para uma expedição. Através desses apontamentos, descobri qual o vestuário mais conveniente para a maior parte dos países. O que eu havia escolhido para o corpo militar da Polícia sul-africana foi o que deu origem ao uniforme escotista. Este devia ser o mais prático possível, barato, confortável para o campo e para a marcha e de forma alguma cópia do uniforme militar*».

Mesmo assim, o uniforme escotista foi alvo de discordâncias e tornou-se um problema muito debatido em certos sectores, em especial por causa do uso de calções, sem dúvida uma solução revolucioná-

Continua na pág. 3

Em véspera da Conferência de Dirigentes

Tentava-se destruir a Fraternal dos Antigos Escoteiros

Muitos dos nossos estimados leitores estarão recordados da campanha promovida por «Sempre Pronto» a favor da criação da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal. Foi um êxito! De toda a parte vieram apoios, incitamentos, aplausos. A Fraternal fundou-se por vontade dos antigos escoteiros e com apoio dos novos. Quem consultar as páginas de «Sempre Pronto» publicadas entre 1948 e 1950 encontrará ali registadas as manifestações de muitos companheiros que nos trouxeram a sua adesão à iniciativa.

A Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal deu o seu entusiástico reconhecimento à instituição fundada e aprovou o seu Estatuto.

A Fraternal está reconhecida e filiada na «International Fellowship of Former Scouts and Guides», de que é membro fundador, tem estado representada em quase toda as reuniões internacionais e tem recebido visitas de dirigentes da associação mundial. É uma associação com prestígio, apesar de uns períodos de menor actividade. Presentemente, porém, está iniciando um novo surto de interessante trabalho.

A vontade de destruir

Depois de Abril de 1974, houve necessidade de eleger um novo presidente para a Associação dos Escoteiros de Portugal. O problema era difícil e alguém teve a infeliz ideia de convidar um antigo dirigente, que estivera desligado do Movimento durante quarenta anos.

Continua na pág. 7



D. Maria Teresa Monteiro de Sousa Pereira Jardim

A notícia chegou de surpresa, como inesperado fora o seu falecimento. Morrera a Teresinha. Foi em 15 de Junho que a infausta notícia circulou entre os antigos escoteiros. Apesar de ser uma ilustre senhora, mãe de doze filhos, D. Maria Teresa Monteiro de Sousa Pereira Jardim, de 52 anos de idade, continuava a ser conhecida entre os antigos escoteiros como a «Teresinha», designação que revelava a estima e simpatia que todos por ela nutríamos.

A primeira vez que a Teresinha apareceu a cooperar nas actividades escoteiras de carácter geral foi em 1938, no acampamento que se realizou na Quinta da Fonte, em Benfica, e em que participaram representações dos grupos de todo o Continente e Ilhas, tendo-lhe competido a orientação dos lobitos. Apesar da sua pouca idade, desempenhou-se muito bem da missão e a partir daí ganhou a simpatia dos Escoteiros.

Colaborou depois, e muito activamente, na Divisão Auxiliar Feminina e na Campanha do Fio de Lã, que esta Divisão promoveu, arrecadando ofertas de restos de fios para fazer agasalhos para os necessitados. Cooperou depois nos serviços da Região do Centro, tendo sido mesmo Secretária, ajudou nos Serviços de Defesa Passiva dos Escoteiros de Portugal, no período da guerra, e passou a estar presente em todas as principais actividades dos Escoteiros de Portugal. Em 12 de Junho de 1946, casou com o Eng.° Jorge Pereira Jardim, que veio a ser presidente da direcção da A. E. P.

Com a ida de seu marido para a Beira, Moçambique, os Escoteiros não perderam inteiramente o seu convívio, porque, sempre que visitava o Continente, dava notícia da sua presença e não deixava de dar resposta às solicitações que, para a Beira, lhe eram feitas. Entretanto, o Escotismo e o Guidismo ressurgiram naquela cidade e os seus componentes puderam desde então contar com a presença de D. Maria Teresa.

A situação de Moçambique, terra a que se tinha afeiçoado e onde nasceram quase todos os seus filhos, trouxe-a de volta ao continente português. Regressara de Espanha três dias antes quando um enfarte de miocárdio a vitimou. O seu funeral realizou-se no dia 16, da Basílica da Estrela para o cemitério de Queluz, tendo constituído sentida manifestação de pesar. O nosso jornal esteve representado pelo seu director, e pelo redactor Ernesto C. Nascimento. A Fraternal foi representada pelo sr. Eng.° J. M. Nobre Santos, presidente da Direcção.

«Sempre Pronto» apresenta sentidas condolências a toda a família enlutada, particularmente ao seu antigo colaborador e amigo sr. Eng.° Jorge Jardim.

Irving J. Feist

Em 27 de Fevereiro passado, na cidade de Nova Iorque, faleceu Irving J. Feist, grande amigo do Escotismo Mundial e último presidente do Conselho Mundial. Serviu o Movimento em muitos cargos, incluindo comissário internacional e presidente nacional da «Boy Scouts of America». Presidiu ao **Comité** de organização do Jambori Mundial de 1967 e, no mesmo ano, ao conselho especial para a reorganização do Movimento. Entre as distinções que possuía, destacava-se o **Lobo de Bronze**, por relevantes serviços prestados ao escotismo mundial.

O seu funeral realizou-se a 2 de Março, estando o Escotismo Mundial representado por William D. Campbell, presidente de honra; Charles Célier, vice-presidente do Conselho Mundial e Laszlo Nagy, secretário-geral. — *Newsletter.*

A coeducação ou escotismo misto

Apelou João Silveira (*Velho Castor*) no último número de *Sempre Pronto* para que o signatário (não ilustre, esclareça-se desde já) continuasse o estudo do tema a que Frei Bernardo O. P., (este sim, que é ilustre), se referiu com uma interrogação e em termos negativos.

Acrescenta João Silveira que não foram contraditadas as afirmações então formuladas por Frei Bernardo O. P., o que me parece não corresponder à realidade, ou, pelo menos, ter sido essa a verdadeira intenção quando então respondi àquele ilustre Prelado e reconhecido técnico escoteiro, argumentando que afirmei — o que é facto — que «toda a orgânica associativa terá de se adaptar à existência da divisão feminina».

Pois aqui estou confirmando o que disse, de que é indispensável a criação de uma «divisão feminina», começando pela nomeação de «uma chefe-geral», respectivas «chefes regionais» e «chefes de divisão» adentro dos grupos, caso estes não sejam reservados apenas ao sexo feminino, em que o chefe teria de ser «uma chefe», coadjuvada por uma direcção que tanto poderia ser feminina como masculina ou mista.

No caso de se incluir a divisão feminina em um grupo já em funcionamento, pois bastaria uma «chefe de divisão», com toda a restante orgânica associativa, aplicando-se o mesmo sistema de patrulhas e as mesmas provas de classe.

Julgava eu, na minha boa fé, que este raciocínio estaria ao alcance de quem atentamente lesse o que escrevi. Mas parece-me agora que não foi bem assim. Pois, se devemos preparar a rapariga para, como mulher, competir com o homem em quaisquer circunstâncias da vida, sob os aspectos físico, psicológico ou técnico, não creio ser necessário qualquer outra adaptação ao método.

Mas cuidado com as interpretações, pois já ali algures referências à existência de «patrulhas mistas», o que não posso conceber por motivos óbvios, como sejam a competição directa em certos jogos físicos ou em quaisquer actividades em que a rapariga seja colocada em situação de inferioridade antecipadamente, dada a compleição normalmente mais forte do rapaz. Até mesmo em certas ocasiões, que possam dar o aspecto de promiscuidade, há que haver o máximo escrúpulo por parte dos dirigentes (masculinos ou femininos).

Mas acampamentos, reuniões na sede, preparação escotista sob quaisquer aspectos em que a rapariga possa ser tratada no mesmo plano e da mesma forma que o rapaz, isso sim. É essa preparação e convivência que eu defendo e aceito. Mais. Que eu já realizei e pratiquei, sem dificuldades e com uma óptima recepção por ambos os sexos, numa fraternidade encantadora e construtiva sob os aspectos a que me referi. Isto é, VIVER EM COMUM O ESCOTISMO COMO PREPARAÇÃO PARA A VIDA FUTURA! sempre sem esquecer que um rapaz é um rapaz e uma rapariga é uma rapariga, que amanhã será mulher, esposa e mãe, e por isso mesmo digna do maior respeito e consideração.

Olhar, desde jovem, para uma rapariga como a companheira de folguedos, será muito mais digno do que ver nela a fêmea desejada que se cobiça por ser tabu conviver com ela.

Tal como ao rapaz se faz ver o papel importante que a rapariga e a mulher desempenham na vida, quando a ele se faz referência à Família, também à rapariga é indispensável falar de modo semelhante sobre a função do rapaz na constituição da Família.

Na Sociedade moderna o Homem deixou de ser o «ganha-pão» para a família, necessitando que a Mulher o auxilie nesse mister, por força de circunstâncias bem conhecidas. Logo, há que haver entre ambos — homem e mulher — uma maior compreensão e confiança; uma entreajuda constante, em que não faltarão situações mais árduas para a mulher do que para o homem.

Não vamos masculinizar a rapariga em relação ao futuro, mas sim prepará-la para o enfrentar e se saber defender, com consciência, dignidade, confiança — e se me

Continua na pág. 5

O Escotismo, Movimento Mundial

Continuação da pág. 1

ria. Mas, por fim, acabaria por se reconhecer as vantagens do vestuário adoptado, o que muito contribuiu para que se abandonasse o uso de peças de fardamento de aspecto insólito e por vezes até ridículo, o que muito desagradava a B.-P.

A resenha destes factos prova que as decisões do Fundador a respeito do escotismo eram muito ponderadas e só definitivamente estabelecidas quando a experiência assim o recomendava, experiência enriquecida por uma carreira de largos anos intensamente vivida. Nada era produto de fantasias, de devaneios ou de simpatia pessoal.

Estava agora publicado o *Scouting for Boys*, a Lei do Escotismo era já conhecida e o uniforme fora adoptado. O público era então capaz de saber quem eram e o que eram os escoteiros. E a sua opinião foi geralmente muito favorável.

Viu-se logo que era enorme a capacidade de expansão do movimento, a princípio nos domínios britânicos e depois até em países estrangeiros. 1908 viu surgir o escotismo na Austrália, no Canadá, na Nova Zelândia e na África do Sul. A semente despontava nos mais afastados quadrantes do Globo.

Seria, contudo, o ano seguinte aquele em que o escotismo tomaria o maior incremento. Afirma Percy Everett no seu livro *Os Primeiros Dez Anos*, a que já nos temos referido: «*1909 foi um ano memorável para a história do escotismo. Os efectivos aumentaram rapidamente e, perto do final desse ano, existiam pelo menos 75 000 escoteiros no Império Britânico*».

E mais adiante: «*Os acontecimentos mais importantes desse ano foram os seguintes: nomeação dos primeiros comissários, com sir Edmond Elles como comissário-chefe; a publicação em Julho do primeiro número do Boy Scouts; o Campo de Escoteiros-Chefes em Beaulieu River; o grande Rali de Crystal Palace; o especial interesse do rei Eduardo VII pelo movimento escotista; nos últimos dias de Dezembro, a formação do Conselho do Quartel General*».

Este conjunto de acontecimentos e realizações assinala a consolidação do movimento, graças a esclarecido trabalho de organização e propaganda. Os alicerces estavam sendo lançados com solidez, o que era certamente a maior garantia para o futuro da organização.

Atinge-se, assim, o período em que os *boy scouts* começam a demonstrar publicamente a extensão da sua implantação entre a juventude. A prova desse facto fez-se graças às grandes concentrações de escoteiros que então se começaram a efectuar, os chamados ralis. Compreende-se perfeitamente o acréscimo dessa popularidade se se comparar o número de presenças de escoteiros no rali de Manchester, em 1908, que não foi além de 1500 rapazes, com os observados nos de Crystal Palace e de Glasgow, ambos em 1909, onde compareceram respectivamente 11 000 e 6000 escoteiros.

Durante estas históricas reuniões escotistas, B.-P. trocava impressões com os dirigentes escotistas e analisava com eles os vários problemas que o desenvolvimento do escotismo suscitava. Segundo M. E. Carter, foram estes empreendimentos que convenceram o Fundador de que o movimento atingira tão largas proporções e adquirira um carácter tão individualizado que tornavam possível a criação de uma grande organização de juventude. Esta convicção era, aliás, partilhada por altas personalidades britânicas que olhavam o escotismo não só com curiosidade, mas até com verdadeiro interesse, que as animava a estimular o Fundador a levar por diante o caminho traçado. O próprio rei Eduardo VII manifestou o maior entusiasmo pela iniciativa de B.-P. (1) e foi apenas o seu inesperado falecimento que o impediu de passar revista aos escoteiros no Windsor Park, o que teria correspondido a uma verdadeira consagração oficial.

No rali de Crystal Palace registou-se também um outro episódio que teria profundas repercussões. M. E. Carter narra assim o acontecimento:

«*Como estavam presentes muitos espectadores, muitos deles viram, com surpresa e divertimento, um grupo de raparigas fardadas quase como os escoteiros, mas, em lugar de calções — nenhuma rapariga nesse tempo se abalançaria a usar calções — tinham uma saia pela altura dos joelhos. B.-P. encontrava-se no átrio, conversando com os diferentes grupos de rapazes, quando deu pela presença das raparigas. Parou e perguntou-lhes, sorrindo: «Quem são e que fazem aqui?» A guia da patrulha, uma jovem chamada Marguerite de Beaumont, um pouco sucumbida pela fama do general, respondeu-lhe com firmeza: «Somos a Patrulha Lobo das Escoteiras e queremos praticar o Escotismo tal como os rapazes». Mais tarde, foi recebida em casa de B.-P. e tornaram-se bons amigos. Após a morte do Fundador, Marguerite escreveu um livro sobre ele, a que pôs o título* O Lobo que Nunca Dormia.

Este pequeno grupo de raparigas que surgiu no Crystal Palace fez com que o Chefe encarasse o problema de que era preciso fazer qualquer coisa para dar satisfação aos desejos das moças que queriam juntar-se ao movimento. Com a colaboração da sua irmã Agnes, preparou um curso para elas, partindo da ideia de que as moças eram trabalhadoras domésticas. Tanto B.-P. como sua irmã compreenderam que as raparigas, tal como seus irmãos, podiam praticar pioneirismo, mas devido ao casamento, era preferível aprenderem a fazer ao ar livre a lida da casa. Também deviam estar preparadas para olhar pelas pessoas doentes, em especial em casos de emergência. As moças, como os rapazes, deviam ser estimuladas a descobrir os prazeres do campismo e doutras actividades ao ar livre. Deviam ser ensinadas a considerar o serviço do próximo como parte integrante dos deveres para com a pátria. No entanto, o movimento das moças só conheceria apreciável desenvolvimento com a vinda, mais tarde, de *Lady* Baden-Powell.

A princípio, as raparigas que se filiaram no movimento foram conhecidas por *Girl Scouts*, mas esse nome foi logo mudado para *Girl Guides* (raparigas guias). B.-P. e Agnes preparam duas brochuras sobre a organização e o treino das guias. Em 1912, foi publicado um manual: *Guias: Como as Guias Podem Ajudar o Império*. Enfim, o sortilégio que atraíra os rapazes para o escotismo, exercia-se agora também nas raparigas.

Foi ainda neste rali que a B.-P. se apresentou com nitidez a necessidade de abandonar o serviço militar para poder dedicar-se inteiramente ao escotismo (1).

Outros ralis se realizaram posteriormente e todos provaram o vigor de que o movimento estava possuído. O mais importante deles foi indubitavelmente o de Windsor Park, realizado durante as festas da coroação de Jorge V, em Julho de 1911, o qual, a cavalo, passou revista aos 26 000 escoteiros, os quais lhe tributaram entusiástica ovação.

Em 1913, reuniram-se no rali de Birmingham 18 000 rapazes, muitos deles vindos da Alemanha, do Império Austro-Húngaro, Bélgica, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Itália e Suécia. Era já uma imagem, ainda que imprecisa, dos grandes jamboris internacionais que, anos depois, se viriam a realizar, essas extraordinárias reuniões de que o escotismo foi o pioneiro.

Já em Julho de 1914, o rali da Rainha Alexandra foi o último grande acontecimento escotista antes do explodir desse vulcão que foi a Grande Guerra. Novas missões, dificuldades e dias de angústia aguardavam os escoteiros, que, contudo, haveriam de sobreviver à grande catástrofe.

(1) Vide em *Sempre Pronto* n.º 288, de Abril de 1969, «O Rei Eduardo VII, Baden-Powell e o Escotismo».

Rui da Silva Libório

Foi um grato prazer a visita à nossa Redacção deste antigo e fiel escoteiro, há muitos anos radicado em Lourenço Marques (hoje Maputo), que as contingências trouxeram para Portugal. Agradecemos e desejamos-lhe felicidades.



«SEMPRE PRONTO» ESTÁ A DEGRADAR-SE

Do nosso prezado assinante sr. José Manuel Madeira recebemos a seguinte carta:

Caros amigos:

Está-vos a escrever um escoteiro e assinante de *Sempre Pronto*.

Este jornal tem o nome de *Sempre Pronto* (lema de todos os escoteiros) logo daí pode-se concluir que se trata dum mensário «Escotista»?

Na minha opinião, o jornal está a degradar-se aos poucos e poucos. Podemos ver alguns jornais mais velhos, onde encontramos a Página do Escoteiro, com uma boa e diversificada matéria escotista; hoje os S. P.'s encontram-se num estado: por vezes não há página do escoteiro (que no meu ver é uma das fundamentais, por razões acima referidas), tendo alguns nesse dito departamento algo que se pode considerar muito estranho ao escotismo.

Outra proposta que eu ponho aos órgãos directivos do S. P. é a de uma maior notícia da Actividade Escotista a nível de grupos, agrupamentos ou companhias de Guias, pensando que devia haver um maior contacto entre o S. P. e as unidades escoteiras, por exemplo: um contacto mensal com cada grupo de modo a que as poucas notícias de grupo que certos números ainda contêm, possam chegar até nós assinantes, com menor atraso.

Não é com um jornal como este, que se difunde o grande movimento iniciado por Baden-Powell, e que a nós foi confiada a sua continuidade.

Pensando que esta proposta não seja algo de deitar ao caixote; despeço-me com as maiores saudações escotistas,

Falcão Vermelho

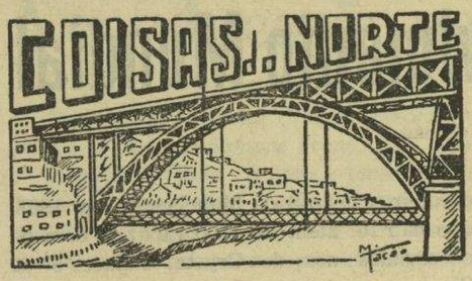
N. da R. — Ninguém pode negar o direito a alguém de se pronunciar quanto ao nível de um jornal de que até é assinante. É mesmo de inegável interesse que os leitores forneçam críticas e formulem opiniões e sugestões sobre o seu jornal.

Pois assim procedeu o Falcão Vermelho. Começa por perguntar se Sempre Pronto *é mensário escotista o que, com todo o respeito, nos parece fora de propósito e adianta depois que o jornal está a degradar-se aos poucos. Porquê? As razões que apresenta deixamo-las ao juízo do leitor: a Página do Escoteiro não aparece todos os meses e a matéria que contém não é diversificada como antigamente e que, por outro lado, se torna necessário maior contacto com os grupos.*

Sem nos querermos pronunciar em causa própria, lembramos, contudo, a este amigo que os que trabalham no Sempre Pronto *despendem na preparação do jornal longas horas das que poderiam ser de descanso da actividade profissional. Isto representa dedicação mas também sacrifício. Pode crer que redigir notícias, compor locais, traduzir e adaptar artigos, corrigir provas não são tarefas invariavelmente agradáveis de cumprir.* Sempre Pronto *não é o que desejaríamos que fosse? Há falta de contacto com os grupos? Mas será lícito esperar que poucos se encontrem com muitos ou não será mais lógico serem esses muitos a procurar os poucos? Será escotistamente defensável não fazer uma coisa porque se espera que outro a venha fazer? Pergunte cada qual a si próprio: QUE TENHO FEITO EU PARA QUE* SEMPRE PRONTO *SEJA MELHOR? O meu grupo já nomeou o correspondente que o jornal há tempos pediu?*

Quando se faz uma acusação a Sempre Pronto *é, em certa medida, fazer uma acusação a si próprio, visto que este jornal só é possível como resultado da colaboração de muitos.*

São estes os pensamentos que sans rancune nos sugerem os reparos feitos por Falcão Vermelho.



Novo Grupo da A. E. P.

A Região do Norte conta com mais uma unidade, o Grupo n.º 55 que tem sede na vila de Castro Daire. — *Arnaldo E. Couto.*

O 41.º aniversário do Grupo n.º 4 — AEP

Em 22 de Maio passado, este grupo esteve em festa para comemorar o seu 41.º aniversário, tendo promovido um acampamento no local da Arroteia da Areosa, com a participação de 28 escoteiros, sob a chefia do EC José Duarte Teixeira.

Desenvolveram-se diversas actividades escoteiras e à tarde realizou-se uma festa de campo, com a presença de famílias dos escoteiros e muitos amigos. O EC Duarte Teixeira fez uma breve dissertação acerca da história da unidade, particularmente dos onze anos em que o grupo tem estado sob sua orientação.

Procedeu-se ainda ao investimento como escoteiros de cinco lobitos, tendo também prestado compromisso de honra dois novos escoteiros e a Aquelá Cristina Maria Marques Paranhos, filha de um antigo escoteiro.

A terminar a festa, foi servido um chá a todos os presentes.

DIA DE S. JORGE — PORTO

O Dia do Escoteiro foi festejado em diversas localidades desta Região. Assim, no Porto houve concentração dos núcleos desta cidade e de Vila Nova de Gaia na Praça da Liberdade, seguida de missa no Mosteiro da Serra do Pilar. De tarde, realizou-se um grande jogo, denominado «Caça ao Espião» e, na sede do Grupo 44, efectuou-se uma festa com jogos, canções e compromissos de honra.

Estiveram presentes os Grupos 4, 17, 33, 38, 41, 44 e 58, num total de cerca de 120 elementos.

MOIMENTA DA BEIRA

Com a presença do EC Regional Arnaldo Couto, foi comemorado o Dia do Escoteiro nesta vila. O Grupo 46 convidou os grupos daquele núcleo, de Lamego, Cambres e Régua, e promoveu um programa muito alegre e escotista, aproveitando a ocasião para agradecer aos bombeiros locais todas as atenções que têm dispensado, nomeadamente a cedência da sua sede para diversas reuniões e festas. Além do escoteiro-chefe regional, também estiveram presentes entidades civis, militares e eclesiásticas.

GRUPO 4

No dia 16 de Abril, este grupo realizou um bivaque onde prestaram provas de lobito alerta Fernando Coimbra Soares e Joaquim Manuel Rebelo Cruz. Além destas provas, também alcançaram a primeira estrela outros dois lobitos.

Em reunião da chefia deste grupo, foi deliberado exarar em ordem de serviço um louvor ao EC. Arnaldo Albano Couto, do Grupo 41, pela maneira como actuou, quando um escoteiro deste grupo inadvertidamente foi contra o retrovisor dum carro e o partiu, o que originou a intervenção dum agente da P. S. P., pois que, com a sua humildade e educação, tudo sanou, merecendo um elogio do graduado de serviço. — *D. Figueiredo.*

«O ESCOTISMO — SISTEMA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL»

O nosso estimado amigo Sr. Antero Nobre, autor da obra em epígrafe, teve a amabilidade de oferecer ao nosso jornal mais vinte exemplares da referida obra, que se encontram à venda na nossa Redacção ao preço de Esc. 20$00.

Trata-se de uma forma de servir duas vezes o Movimento. Pela difusão do sistema de educação do Escotismo e por eficiente ajuda a «Sempre Pronto».

Agradecemos e saudamos este nosso colaborador.

ANTIGOS ESCOTEIROS 1950

Os antigos escoteiros visitam de novo o Chefe José Rodrigues

Ainda não se apagaram os ecos da iniciativa que os antigos escoteiros tiveram de homenagear o EC José da Conceição Rodrigues, que, como «*Sempre Pronto*» noticiou, foi realizada em 24 de Julho do ano findo. Pois, desta vez, foi um pequeno grupo de nossos companheiros que aceitou o convite daquele veterano dirigente escotista, dirigido à direcção da Fraternal, para se deslocar a sua casa, a fim de fazer entrega dalguns trabalhos manuais da sua autoria.

E assim aconteceu. No dia 21 de Maio último, Amílcar Fernandes, António Pinto, João Pereira Soares, Rui dos Santos Libório e Ernesto Clímaco do Nascimento tiveram a grande alegria de novamente estarem com aquele seu grande amigo e prestigioso dirigente escoteiro, assim como com a sua dedicada esposa.

As surpresas começaram logo a surgir. Ao entrar, puderam logo admirar um artístico armário, colocado ao fundo do corredor. No seu interior, algo que é muito caro a José Rodrigues: todas as ofertas que lhe foram feitas na homenagem das Caldas da Rainha, um conjunto de objectos sem grande valor material, mas que encerram um pouco da grande amizade que os seus ofertantes dedicam ao chefe Rodrigues, portanto, de incomensurável valor estimativo.



O director adjunto de «Sempre Pronto», *Joel Ribeiro, entrega ao herói da tragédia do Funchal, José Emanuel Torres de Freitas, exemplares do nosso jornal com a narrativa do nobre gesto do escoteiro madeirense, durante a homenagem que lhe foi feita na Fraternal em 9 de Maio p. p. À direita: Xavier de Brito, que presidiu à cerimónia, e, uniformizado, Manuel Sant'Ana.*

Depois, outro momento de muita emoção: a passagem de uns filmes sobre diversas actividades da Fraternal e, sobretudo, da homenagem das Caldas da Rainha, e em estreia! De não menos interesse a audição de uma *cassette* com palavras de José Rodrigues, agradecendo a homenagem que lhe era prestada e narrando passagens da sua vida de escoteiro.

A seguir, realizou-se a cerimónia principal: a entrega de dois artísticos trabalhos de José Rodrigues, obras prodigiosas de mãos hábeis, enriquecidas por símbolos escotistas.

A qualidade destes trabalhos fez surgir a ideia de ser organizado na Fraternal um museu escotista, onde seriam reunidas e conservadas lembranças de antigos escoteiros. Eis uma valiosa sugestão que urge não desperdiçar.

Mas os dias, quanto mais belos se nos apresentam, mais curtos nos parecem. Assim, já de tarde, os visitantes tiveram mais uma prova da hospitalidade do chefe Rodrigues: a oferta de uma agradável merenda.

E ainda mais: cada elemento da caravana recebeu uma bela lembrança: lindas rosas do jardim do generoso anfitrião!

Alma forte, mas sã, José Rodrigues não consegue esconder o aprazimento que lhe causa a presença dos *seus* escoteiros. Mais uma vez exclama:

— Não esqueçam: a minha casa tem sempre as portas abertas aos escoteiros que me queiram visitar!



Em casa do José Rodrigues: à esquerda, este antigo estimado dirigente, acompanhado de Rui da Silva Libório, outro antigo e dedicado escoteiro, recentemente regressado de Moçambique. Na parede, uma fotografia de B.-P. — a presença permanente do Escotismo no lar do prestigioso antigo chefe do Grupo 7.

Era o testemunho da sinceridade e da gratidão. E também era gratidão o sentimento dos forasteiros pela amizade que o seu Chefe inesquecível lhes tributa. Era uma bela imagem do poder do escotismo!

Exposição de trabalhos

Com excepção do mês de Agosto, a sede da Fraternal (Rua de S. Paulo, 254-1.°, em Lisboa) está aberta das 21 às 23 horas, com uma exposição dos artísticos trabalhos oferecidos por José Rodrigues, em que poderá ser também escutada a *cassette* com a saudação daquele companheiro.

Jogos Florais da Fraternal

Lembramos a realização dos JOGOS FLORAIS DE 1978, uma iniciativa da Secção Cultural da Fraternal.

Os trabalhos, de carácter literário ou fotográfico, poderão ser entregues na Fraternal até o próximo dia 30 de Agosto.

Peça o programa desta iniciativa escotista, de inegável interesse, para a sede da Fraternal.

Podem concorrer escoteiros, escutas e guias, antigos e actuais.

A coeducação ou o escotismo

Continuação do pág. 2

permitem — com aquela MORAL já tão arredia da nossa Juventude.

Mas creio que o *Velho Castor* me compreenderá melhor desta vez. Se assim não for, apenas tenho a lamentar a minha fraca argumentação e ele o arrepender-se de um tanto levianamente me ter considerado «ilustre articulista».

Creia o Velho Castor que sou apenas um modesto escoteiro, cheio de boa vontade e em que a Fé na nossa Juventude ainda não está destruída, muito embora — ou talvez por isso — me indigne com situações que não citarei por serem públicas e sobejamente conhecidas.

E se julgar que continuo a contradizer-me ou desejar melhor me esclareça sobre o assunto, é só dizer, pois fico inteiramente ao seu dispor, como de outrem, através das colunas do nosso *Sempre Pronto* ou particularmente por intermédio da respectiva Direcção.

Uma fraternal canhota do

António Cunha

Os escoteiros de Espanha são de novo membros da Conferência Mundial de Escotismo

Continuação da pág. 8

vessariam a Espanha uniformizados, apesar dos receios manifestados por outros participantes.

O uniforme escoteiro estava completamente esquecido do grande público. Em Madrid, alguns soldados, confundindo-nos com oficiais do exército espanhol de Marrocos e interpretando as nossas «estrelas de serviço» como insígnias de graduação, prestavam-nos a continência. Mas, logo que cruzámos as ruas da cidade, fomos interceptados por antigos escoteiros que nos abraçaram e de lágrimas nos olhos nos davam conta da sua fidelidade ao Escotismo. De qualquer forma, porém, fomos bem acolhidos em toda a parte, confirmando a tradicional fidalguia e hospitalidade espanhola.

Conhecemos, assim, muitos antigos escoteiros, mas viemos a descobrir um pequeno núcleo que se designava por Equipa *Lobo Gris*, pseudónimo escoteiro de um antigo e notável dirigente dos *Exploradores de España*, equipa que constituía uma vital célula que, sem ferir a legalidade, mantinha os ideais, estudava os métodos, promovia contactos e publicava um pequeno boletim impresso, fortalecendo laços de fraternidade entre os cavaleiros da flor-de-lis. Conhecemos assim J. Forasté Oliver, Enrique Genovés, Vítor Malo de Molina, José Magallón Marron, e outros. Os três primeiros citados conseguiram ainda agregar mais elementos e foram eles os grandes obreiros da reconstituição associativa. Com uma dedicação e perseverança notáveis, estabeleceram contactos com entidades oficiais, diligenciando obter a revogação do decreto de suspensão. Só há pouco tiveram êxito completo, mas conseguiram que as autoridades tolerassem a presença de grupos de escoteiros, que, sob a protecção das autoridades religiosas, realizavam actividades e exibiam o uniforme. O Movimento em Espanha atingiu assim notável desenvolvimento contando hoje mais de 30 000 membros, estendendo a sua organização a todo o país.

Este contacto com a equipa de *Sempre Pronto* estimulou o entusiasmo da *Lobo Gris*, tendo servido de traço-de-união com outras associações escoteiras e com os organismos internacionais do Movimento. Dentro em pouco, os Escoteiros de Espanha eram aceites como observadores em conferências mundiais e regionais. Só as dificuldades de legalização oficial em Espanha, que chegou a ser proposta em condições que os nossos camaradas espanhóis honestamente recusaram, obstava à admissão como membro da Conferência, que agora se concretiza, de pleno direito.

Em 1955, por ocasião do 10.º aniversário de *Sempre Pronto*, a Equipa *Lobo Gris* manifestou a sua simpatia ao nosso jornal enviando uma delegação para participar nas comemorações aniversariantes, tendo Enrique Genovés proferido notável conferência no Ateneu Comercial de Lisboa.

O Escotismo na Catalunha

Através da Equipa *Lobo Gris*, tivemos ocasião de estreitar relações com núcleos escoteiros de diversas cidades, principalmente em Vigo, Valência e Barcelona. Em 1949, o director e subdirector de *Sempre Pronto* visitaram estas duas últimas cidades e foram recebidos com grandes manifestações de regozijo, a que não pudemos dar a devida divulgação por indispensável prudência.

Em Barcelona, fomos convidados a participar num acampamento de escoteiros. Um sacerdote católico, infelizmente já falecido, acompanhou-nos de comboio na direcção da fronteira francesa e, em determinada estação, éramos aguardados por um automóvel e conduzidos através de sinuosa estrada de montanha, rodeada de densa floresta. Numa clareira, junto às ruínas de uma capela, deparou-se-nos um bem montado acampamento, onde rapazes e raparigas, uniformizados, davam largas ao seu entusiasmo participando em actividades bem organizadas e dirigidas. Foi uma prova de confiança, que muito nos sensibilizou, já que uma actividade daquela natureza só se podia realizar em clandestinidade.

Os Escoteiros em Barcelona, que tinham já naquela época organização muito eficiente, possuíam jornais e literatura em língua catalã, iniciativas então extremamente arriscadas. Confiaram-nos nessa altura o seu Regulamento n.º 1 «Minyons Escoltes» (*Boy Scouts*), obra em língua catalã de 240 páginas, com insígnias de aptidão ilustradas a cores, contendo toda a regulamentação necessária, trabalho de que qualquer associação em liberdade se orgulharia. O volume está numerado, é o 232, e só podia ser entregue a elementos de confiança, porque, se fosse detectado pelas autoridades, sujeitaria os editores a pesadas multas, já que não eram permitidas quaisquer publicações naquele idioma, circunstância que hoje está inteiramente ultrapassada.

A clandestinidade, ligando o Escotismo ao anseio de autonomia regional, dava características muito especiais ao movimento escoteiro da Catalunha. No seu acampamento, lá estava arvorada a bandeira de S. Jorge, que é a bandeira da Catalunha, então proibida, mas hoje perfeitamente autorizada.

Esta mística escoteiro-catalã prejudicava os esforços feitos em Madrid para o ressurgimento do Escotismo, na base dos antigos «Exploradores de España». Uma só associação para todos os espanhóis, de todas as opiniões e credos, numa sólida orientação. E não foi fácil vencer estas dificuldades. Pessoal da Secretaria Mundial de Escotismo e da Região da Europa deslocou-se repetidas vezes a Espanha para ajudar nas conversações. É assim que surge a «Federacion de Escultismo en España», que *Sempre Pronto* saúda com particular amizade.

Visita Presidencial a Chaves

Na visita que o Presidente da República fez a Chaves no dia 18 de Junho corrente para Comemoração do 19.º Centenário daquela cidade, os Escoteiros de Portugal estiveram presentes, tendo ali acampado cerca de 150 em representação dos Grupos 59, daquela cidade, uma secção deste Grupo de Lanheses da Raia, 21, da Régua, 26, da Póvoa de Varzim, 43, de Moimenta da Beira, 49, de Lamego, 53, de Braga, 54, de Cambres e 17, do Porto.

A pedido da Câmara Municipal daquela cidade, os escoteiros tomaram parte na organização dos festejos. Desfilaram pelas ruas da cidade, aplaudidos pela população e, no final, à saída dos Paços do Concelho, fizeram a guarda de honra ao Presidente.

A respeito de uma mensagem entregue pelos escoteiros ao Presidente da República, comentava o «Comércio do Porto»:

Escoteiros de Portugal fazem um apelo a Ramalho Eanes

No final da sessão solene, e quando o Presidente da República se preparava para transpor os umbrais da saída dos Paços do Concelho, foi o mesmo surpreendido por uma representação dos Escoteiros de Portugal, que lhe leram uma mensagem em que, depois de o saudarem com toda a alegria e respeito, lhe lembraram o desejo que tinham de contribuir justamente para que a mocidade do nosso país seja cada vez mais consciente dos deveres que tem para com a Pátria e para com a sociedade em que vivemos, seguindo o método de instrução de Baden-Powell.

Em dada altura, lembraram que existem monumentos quase que abandonados, se não mesmo abandonados, no nosso país, que muito serviriam a causa do Escotismo, tais como: velhos castelos e fortes abandonados; material do Exército, como: tendas, material de enfermagem, viaturas, etc.,

Continua na pág. 7

Em vésperas da Conferência de Dirigentes

Continuação da pág. 1

É certo que se tratava de uma figura controversa, que estivera na origem de conflitos que agitaram a associação durante vários anos e cuja intransigência muito contribuiu para a cisão de que resultou o actual C. N. E. É certo, que ninguém poderia supor que tal antigo dirigente, ausente tantos anos, viria ressuscitar as querelas antigas como se as tivesse suspendido na véspera.

De início, o novo presidente parecia querer reunir colaboradores, escutar opiniões, mas logo se verificou que tinha uma noção muito especial de democracia. Ouvia de má-vontade todas as sugestões e fazia aquilo que muito bem entendia. Não era democracia, era *democratura*. Não perdeu tempo, alterou despoticamente a Lei do Escoteiro, o Compromisso de Honra, o Uniforme, a própria terminologia usada no Movimento, sem apoio de ninguém.

Felizmente que esta sanha de destruir teve resultado útil. Provocou salutar reacção, oposição frontal. Os dirigentes escoteiros são hoje pessoas maiores, conscientes, e não estiveram dispostos a consentir em tão sistemática destruição dos ideais escoteiros, tal como Baden-Powell os sugeriu. Nunca o Movimento esteve tão unido como presentemente.

A Conferência de Dirigentes reúne em Julho. A Fraternal tem direito a quatro votos, conforme foi aprovado oportunamente pela Associação dos Escoteiros de Portugal. Isto aflige o senhor presidente, que resolveu pura e simplesmente destruir a Fraternal, para impugnar os respectivos votos. Para isso, alinhou longas citações num arrazoado que nem sequer merece a pena discutir. Apenas devemos dizer que a Fraternal existe por direito próprio e por vontade soberana dos seus membros. Está reconhecida por todas as direcções da AEP, tem quase trinta anos de existência e nunca o seu reconhecimento foi posto em causa. Com que direito e autoridade vem agora um senhor, que esteve desligado do Movimento durante 40 anos, impugnar um reconhecimento oficial sempre aceite?

Um pouco mais além...

Quase a terminar as suas impertinentes considerações, o presidente da AEP, orgulhosamente só, não consegue evitar a tentação de dar também uma cajadada em «Sempre Pronto», que tem tido a ousadia de não estar de acordo com as suas autoritárias deliberações. E, a despropósito, acrescenta: *Não se pretende coarctar a liberdade de qualquer grupo de escoteiros antigos* (o senhor presidente troca tudo), *pouco ou muito numeroso, e até membros de outros organismos de «scouting» estranhos à AEP (cuja admissão também está prevista no parágrafo 2.º do art. 1.º da Fraternal de 1950) se constituírem em associação autónoma, com os estatutos que muito bem entendam desde que não colidam com a AEP nomeadamente não provocando confusões com a Fraternal que os nossos Regulamentos Gerais sempre conceberam. E isto porque importa que não se crie nova fonte de confusão no género da que existe pelo facto do jornal «Sempre Pronto» ter continuado a adoptar a nossa divisa mesmo depois de ter deixado de ser órgão da AEP.*

Assim mesmo. Nada escapa a sanha de destruir do actual presidente da AEP. Queremos, porém, afirmar-lhe que, mau grado a sua vocação de ditador, a Associação dos Escoteiros de Portugal é uma associação de bases democráticas, em que a soberania associativa pertence às bases, aos representantes dos Grupos de Escoteiros. São estes que irão dizer o que entendem conveniente, como devem ser a Lei e a Promessa, o Estatuto e o Regulamento, o Uniforme e, até, a terminologia escoteira e a própria Fraternal. Porque no que se refere a «Sempre Pronto» ele existe por vontade dos Escoteiros que o sustentam, já que a actual direcção da AEP não lhe dá qualquer subsídio, apesar, segundo parece, de ter proposto, para que ela própria fosse subsidiada, uma verba destinada ao jornal.

Se o senhor presidente não consegue integrar-se num movimento escoteiro fiel aos princípios e ideais escoteiros autênticos, só tem que ser honesto consigo próprio e voltar para onde andou durante tantos anos.

«Escotismo — Escola de Convívio»

O nosso editorial de Fevereiro passado mereceu tanto apreço de um amigo, parece que escuta, que não hesitou em simplesmente o transcrever no *Jornal do Barreiro* e até o subscrever com «sempre alerta para servir — Marcelino J. Santos». Embora não tenha havido qualquer referência à origem, registamos a concordância com os nossos pontos de vista.

Efemérides

JUNHO

Dia 2 — 1934 — Numa sessão solene realizada na Sociedade de Geografia, são entregues à A. E. P. as insígnias da Ordem da Benemerência.

Dia 19 — 50.º aniversário do Grupo n.º 77 — Faro.

Dia 22 — 45.º aniversário do Grupo n.º 52 — Angra do Heroísmo.

Dia 23 — 49.º aniversário do Grupo n.º 84 — Entroncamento.

Dia 24 — 44.º aniversário do Grupo n.º 93 — Sintra.

1949 — «Sempre Pronto» inicia a grande campanha que levaria à fundação da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal. Centenas de «antigos» responderam à chamada.

Dia 10 — 1913 — Os escoteiros do Grupo n.º 1, que eram nesse tempo cerca de 50, estiveram da Trafaria e realizaram um concurso desportivo. Foram vencedores os escoteiros José S. Matos, Daniel Pombeiro, José S. Serra, Henrique José, Humberto Martins, Florindo Ribeiro, Leopoldo Saramago, António R. Amorim, Francisco Dias e José Sena.

JULHO

Dia 8 — 44.º aniversário do Grupo n.º 94 — Lisboa.

Dia 15 — 50.º aniversário do Grupo n.º 79 — Lisboa.

Dia 16 — 49.º aniversário do Grupo n.º 16 — Carcavelos.

Dia 15 — 1948 — É reconhecido oficialmente pela Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal o jornal «Sempre Pronto».

*

A partir de agora, passaremos a publicar as efemérides do mês seguinte, adoptando uma sugestão de um dirigente escoteiro. Assim, previamente será possível ter conhecimento de algumas datas comemorativas.

Visita Presidencial a Chaves

Continuação da pág. 6

que, dados como incapazes pelo Exército, muito ajudariam a A. E. P.

Afirmaram saber que material e instalações da ex-Mocidade Portuguesa foram espoliados e entregues a grupos sem qualquer função educativa ou de formação da juventude, citando, a título de exemplo, o facto de vários grupos, como acontece com o de Chaves (ali presente), nem sequer terem sede própria para as suas reuniões.

Deste modo, apelaram ao Presidente da República no sentido de deixar a esta juventude a esperança de que o Forte de S. Miguel, presentemente abandonado, fosse entregue ao Grupo 59 daquela Associação, sito na cidade de Chaves.

O Presidente da República, no final, prometeu ir ver da possibilidade de tal pedido, já que lhe parecia existirem outros pedidos idênticos por parte de diversas entidades oficiais.

No próximo número:

«As vantagens e os perigos da época balnear»

Conclusão das considerações sobre a vida na praia ou na piscina e início do estudo sobre os banhos de sol.



COMEÇARAM OS PREPARATIVOS PARA O XXI JAMBORI NO AR

É no fim-de-semana de 21 e 22 de Outubro próximo que se realiza mais um Jambori no Ar, essa grande jornada escotista em que os escoteiros e as guias portugueses têm marcado posição de verdadeiro destaque.

Ciente das responsabilidades que os portugueses assumiram nesta actividade, a Organização Nacional, sob a competente batuta do EC Justino Estêvão da Silva, não dorme sob os louros conquistados. Pelo contrário, estão sendo dados os passos necessários para que tudo esteja pronto a tempo e horas, como aliás nos anos anteriores.

É este o exemplo que cada unidade escotista e guidista deve tomar, a fim de que seja garantido o maior êxito possível.

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número será possível referir-nos mais desenvolvidamente a este grande acontecimento escotista mundial.

Tolerados e proibidos



O Escotismo na Península Ibérica passou por largo período de dificuldades. Tal como acontece em todos os regimes totalitários, da direita e da esquerda, o Escotismo não consegue aprovação dos governos autoritários. Em Espanha, a associação escoteira foi suspensa logo que a guerra civil terminou, a despeito dos relevantes e humanitários serviços prestados. Em Portugal, depois de um período periclitante, o Movimento foi suprimido nas Colónias e tolerado no Continente e Ilhas.

As actividades não eram nem ajudadas nem suprimidas. Não havia estímulos, nem facilidades. Alguns dirigentes escoteiros, que se declaravam oficialmente ao serviço da Mocidade Portuguesa, cerceavam actividades, chamavam constantemente a atenção dos dirigentes que teimavam em ir além do ramerrão tolerado.

Espanha e Portugal. Dois métodos diferentes de destruir o Escotismo. O primeiro não resultou. Proibido, clandestino, o Escotismo vingou. Aí está uma associação vigorosa!

O segundo método foi eficiente. O Movimento em Portugal desarticulou-se, perdeu dinamismo, caiu na rotina. Agora, em liberdade, não consegue encontrar o caminho da acção. Perde-se em dissensões, consente na desvirtuação dos seus ideais, esconde-se como envergonhado da falta de dinamismo.

Para salvar o Movimento é imperiosa uma reacção e enérgica. Essa reacção terá de vir das bases.

Os Escoteiros de Espanha são de novo membros da Conferência Mundial do Escotismo

A partir de 16 de Março de 1978, os Escoteiros de Espanha voltaram a adquirir a qualidade de membros da Conferência Mundial de Escotismo. A filiação foi feita em nome da «Federacion de Esculismo en España», que agrupa os «Exploradores de España», como sede em Madrid, que são os continuadores do antigo movimento e os pioneiros de todo o trabalho de reconstituição associativa; a Associação Catalã de Escotismo e o Movimento de Escoteiros Católicos, com base em Barcelona e ramos em diversas províncias.

O Escotismo foi fundado em Espanha em 1912 e foi membro fundador da Conferência Mundial, em 1922. O Movimento atingiu grande desenvolvimento no país vizinho, orientado por dirigentes competentes e muito dedicados. Quando da Guerra Civil Espanhola, os Escoteiros prestaram relevantes serviços humanitários, reconhecidos por ambas as partes em confronto, mas, terminado que foi o trágico conflito, a Associação foi suspensa por decreto oficial.

A notícia de que os Escoteiros de Espanha voltam a fazer parte oficialmente da Fraternidade Mundial, se é importante para todo o Movimento, para nós Portugueses reveste-se de significado muito especial, não só por se tratar do país vizinho e irmão, mas porque as relações entre os escoteiros da Península Ibérica se têm desenvolvido num ambiente de amizade.

Particularmente, para a equipa de *Sempre Pronto*, a notícia da filiação tem foros de acontecimento festivo, que alegremente saudamos. Durante a última guerra mundial perdeu-se completamente o contacto com os escoteiros do país vizinho. Mas, em 1947, quando a equipa de *Sempre Pronto* se deslocou ao Jambori da Paz, em Moisson, França, intencionalmente decidiu-se que os seus três membros atra-

Continua na pág. 6

SEMPRE PRONTO — Propriedade da Aliança Nacional das ACMs de Portugal

(CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA)

Director e Editor — **Eduardo Ribeiro**
Director Adjunto — **Joel Ribeiro**
Administrador — **José Eduardo Pena Ribeiro**

EQUIPA DE REDACÇÃO:
A. C. Lapa Conde
Ernesto Clímaco do Nascimento

EQUIPA DE ADMINISTRAÇÃO:
Capitolino Ferreira Macedo
Luís Garcia

Número avulso: 7$50 — Assinatura anual: 75$00